

Partidos aumentam campanha na cidade

Com pichações sistemáticas nos lugares em todo o Plano Piloto e das cidades-satélites, principalmente, no Gama, Taguatinga, Ceilândia, Guará e Planaltina, o PMDB/DF abriu a campanha eleitoral no Distrito Federal. Paredes, tapumes, viadutos e muros abandonados, apresentam a propaganda feita em grandes letras garrafais: "Brasília quer votar — PMDB/DF", ou então, "Vote para ganhar — PMDB", "Vote contra o Governo — PMDB". Apesar da proibição que recai sobre este tipo de propaganda em todo o território nacional, até mesmo o PDS aderiu a ela. Também se lê nas paredes o nome do candidato a deputado federal pelo PDS, Oséas 107 e inúmeros cartazes do candidato a Governador pelo Rio Grande do Sul, Jair Soares, assim como, de Paulo Maluf, candidato do PDS em São Paulo,

para deputado federal. Assim, pela primeira vez desde 1964, o Distrito Federal, volta a conviver com um clima de campanha eleitoral, cuja movimentação vem crescendo. Inevitavelmente, a presença dos partidos políticos que se organizaram acerca de 3 anos, sobretudo o PMDB, o PT e o PDT, têm contribuído para transformar o grau de participação política dos brasilienses e motivá-los para a campanha eleitoral. Em sua investida política, o PMDB/DF promete várias atividades. Segundo seu presidente, Maerle Ferreira Lima, o partido já marcou uma série de comícios nas cidades-satélites e no Plano Piloto. O primeiro deverá ser realizado no calçadão do Conic, setor de diversões sul no Plano Piloto, nos primeiros dias de outubro. Desse comício, acrescenta Maerle, deverão participar, além de inúmeros artistas,



PDS e PMDB disputam os espaços na cidade, embora o partido da oposição tenha saído na frente com as maiores e mais longas pichações



Miro Teixeira, Tancredo Neves e Iris Rezende, representantes dos maiores colégios eleitorais existentes no DF. Segundo informações do TRE, o Rio conta com cerca de 25 mil eleitores, Minas com 30 mil e Goiás com 20 mil, sendo que além desse eleitorado goiano votante em Brasília, mais de 100 mil deixarão suas residências no DF, para votar em vários municípios do referido Estado no dia das eleições. O número de eleitores goianos residentes em Brasília, tem portanto, a capacidade, não só de eleger 4 deputados federais e 8 deputados estaduais, como de definir os rumos da eleição para governador e senador.

PARTIDO DOS TRABALHADORES

O PT, o segundo partido de oposição melhor estruturado no Distrito Federal, também já partiu para defender em praça pública os nomes de seus candidatos nos Estados. Sua primeira aparição pública, durante a campanha, ocorreu no mês de agosto passado, com um comício realizado em frente às Lojas Americanas no Plano Piloto, e que contou com a presença do ex-deputado Lyfaneas de Maciel. O candidato a governador estadual PT do Rio e do litorâneo, daniel Wladimir Paim pelo candidato a senador sua mesmo Estado. Eros agenda de campanha marcatistas locais também, ram inúmeros colizados até as 48 horas antes do dia 15 de novembro. Os militantes do PT também adotaram a prática das pichações, sobretudo, no setor comercial sul, nota-se a presença das pichações com o slogan "Terra, trabalho e liberdade", vendo-se abaixo o desenho de uma estrela que representa o signo do Partido. Neste último fim de semana o Partido dos Trabalhadores realizou concentrações em algumas cidades-satélites.

PDT

O Partido Democrático Trabalhista (PDT) aparece com mais empenho nas regiões periféricas de Brasília, onde o partido está mobilizado em torno da campanha de vários candidatos a vereador e a prefeito, lançadas em cidades goianas fronteiriças como Luziânia, Sto. Antônio do Descoberto, Cidade Ocidental, Formosa, Padre Bernardo e Brasília, que recebem influência direta de Brasília. Apesar de concentrar sua maior força nessas regiões, o PDT local, sob a presidência de Alvaro Paim, começou a ativar este mês seu Comitê Eleitoral no DF visando também ganhar uma

fatia importante dos 220 mil votantes que aqui escolherão os seus candidatos. Em igualdade de condições com o PMDB e o PT, o PDT também realizará comícios em vários locais do Distrito Federal.

PDS

O PDS, Partido Democrático Social, que tem na figura do empresário Newton Rossi o seu maior representante, secundado pelo também empresário Miguel Setembrino, ambos da Federação do Comércio de Brasília, estão com sua atuação eleitoral bastante prejudicada. Enquanto o PMDB, o PT e o PDT têm uma ação coordenada como Partidos organizados no DF, conseguindo assim centralizar em torno de suas

agremiações a campanha eleitoral, os representantes do PDS local não conseguem o mesmo. O próprio Governo, sustentando sua resistência a qualquer tipo de manifestação política em Brasília, prefere jogar nas mãos dos três partidos oposicionistas o destino dos votos dos 220 mil eleitores aqui residentes, a permitir uma melhor performance do PDS na caça a esses votos. O resultado é que as campanhas de vários candidatos pedessistas aqui realizadas, tendem a cair no vazio por carecerem de uma máquina partidária montada e capaz de viabilizá-las. Enquanto o PMDB conta com o apoio integral de sua direção nacional, com diretórios montados em todo o DF e com cerca de 8 mil filiados, o PT e o PDT, por sua vez, embora menores, dispõem igualmente do mesmo apoio e de uma razoável organização interna.

Assim, qualquer investimento eleitoral dos candidatos do PDS feitos através apenas de comitês pouco conhecidos, esbarra inevitavelmente na eficiente máquina partidária, principalmente a do PMDB e PT que abrange hoje, todos os recantos do DF. Essa fragilidade é inegável do PDS em Brasília, mas pode ser ainda corrigida a tempo.

BALANÇO

Nas eleições de 1978, o total de eleitores de outros Estados que estavam aptos para votar nas urnas do DF era de 93.980 eleitores. Nessas eleições a abstenção foi superior a 50% e a vitória, no cômputo geral, coube ao então MDB. Em 1978, o TRE dividiu os eleitores em 272 seções eleitorais. Um outro dado interessante é que nas eleições passadas, o eleitor aqui residente só podia votar para senador e para deputado federal. Todavia, a Lei nº 6.961, de 1/12/81, ao alterar a reda-

ção do caput do art. 17 da Lei nº 6.091/74, concedeu ao eleitor de outros Estados votante no DF, o direito de também votar para governador e para deputado estadual. O eleitor de fora aqui residente só não votará portanto para o pleito municipal. Em 1978, os maiores colégios eleitorais dos Estados em Brasília, eram, por ordem de classificação, os seguintes: Minas Gerais — 13.166 eleitores; Piauí — 9.567 eleitores; Ceará — 8.955 eleitores; Guanabara — 8.803 eleitores; Paraíba — 7.452 eleitores; Goiás — 6.998 eleitores; Rio de Janeiro — 6.864 eleitores; Maranhão — 6.486 eleitores; Bahia — 5.607 eleitores. O menor eleitorado entre os Estados era do Acre com apenas 154 inscritos em uma seção eleitoral. Para as eleições deste ano o quadro é completamente diferente. Pelas estimativas do TRE, cerca de 220 mil eleitores estarão aptos para votar até o dia 15 de novembro. Dessa feita, o número de votos dos outros Estados em Brasília, mais do que duplicou. No que se refere a importância dos colégios eleitorais, houve também uma grande mudança. Agora os mais importantes são por ordem de classificação, Minas com um pouco mais de 30 mil eleitores; Rio de Janeiro com quase 30 mil e Goiás com cerca de 20 mil votos. Vale ressaltar porém, que o Estado de Goiás apesar de vir em terceiro lugar, ocupa na verdade o primeiro em termos de peso político, cerca de mais de 100 mil goianos residentes em Brasília, votarão nas urnas de Goiás no dia da eleição. Assim, na verdade, o número de eleitores goianos no DF, é de 120 mil e não de 20 mil.

No que se refere ao problema da abstenção, estima-se que ela será muito inferior a de 78. Vários fatores parecem contribuir para que isto aconteça. Em primeiro lugar, o clima de campanha eleitoral que vive o DF, em segundo lugar, a presença dos partidos políticos que se organizaram e em terceiro lugar, a característica do pleito. Será a primeira eleição direta para governador desde 1964. Em 1978, nenhuma dessas condições estavam reunidas. Não havia em Brasília praticamente nenhuma movimentação político-partidária e muito menos campanha eleitoral. Apenas alguns grupos isolados de oposição e de situação fizeram "boca de urna" no dia da eleição e nada mais. Ao contrário de 82, em 1978 não existia nenhum partido organizado no DF, e durante toda a campanha não houve sequer um comício.

Outra grande novidade é o interesse dos candidatos pelos votos do DF. Em 1978, praticamente inexistia essa caça ao voto e apenas alguns montaram comitês eleitorais. Para as eleições deste ano assistimos a uma verdadeira corrida em direção dos eleitores. O fato é que o clima de participação política no DF mudou muito nesses 4 anos, sobretudo em virtude da presença dos partidos políticos que surgiram para ocupar um espaço completamente inexplorado.

Em meio a essa efervescência eleitoral que envolve o País, Brasília engaja-se também, e pela primeira vez nesses últimos 18 anos, na batalha da campanha eleitoral. Resta saber realmente para que lado penderão as preferências desse contingente eleitoral de 220 mil eleitores. Aos políticos e às lideranças locais que despontam, cabe a tarefa de ganhá-los.



O PT tem uma característica: é o partido que procura desenhar melhor sua propaganda